

Arqueologia e genealogia da vigilância e seus desdobramentos nas redes sociais e no ensino da Cultura Digital

Archéologie et généalogie de la surveillance et ses conséquences dans les réseaux sociaux et dans l'enseignement de la Culture Numérique

Debora Maria dos Santos¹

Poliana Coêlho dos Santos²

Resumo:

O presente artigo parte de uma análise de como os conceitos foucaultianos de história do pensamento, visando responder como arqueologia e genealogia servem para uma análise dos impactos epistemológicos da ideia de vigilância nas redes sociais? Para isso, traçamos um caminho entre Foucault, Bachelard e Bourdieu. De Bourdieu e Bachelard são resgatados os conceitos de vigilância epistemológica e sociológica, trazendo uma abordagem discursiva pedagógica da realidade digital. Assim, por meio da ideia de Arqueologia e Genealogia do poder em Foucault, será feita uma análise das tendências acerca da cultura digital. Como resultado, é desenvolvida a problemática da própria literacia presente na apropriação do acontecimento narrativo que leve a constatação do além do bem e do mal das redes sociais.

Palavras-chave: Cultura digital, panóptico, perspectivismo.

¹ Doutoranda pelo PPG Comunicação Social da UFPE. Professora Substituta da UESPI- Picos. Bolsista CAPES demanda social.

² Mestranda em Filosofia pelo PROF-FILO IFSertãoPE. Bolsista CNPq.

Résumé:

Cet article part d'une analyse de la manière dont les concepts foucauldien d'histoire de la pensée, visant à répondre à la manière dont l'archéologie et la généalogie servent à analyser les impacts épistémologiques de l'idée de surveillance sur les réseaux sociaux ? Pour ce faire, nous traçons un chemin entre Foucault, Bachelard et Bourdieu. De Bourdieu et Bachelard, les concepts de surveillance épistémologique et sociologique sont récupérés, apportant une approche pédagogique discursive de la réalité numérique. Ainsi, à travers l'idée d'Archéologie et Généalogie du pouvoir chez Foucault, une analyse des tendances en matière de culture numérique sera réalisée. Ainsi se développe la question de l'alphabétisation elle-même présente dans l'appropriation de l'événement narratif qui conduit à la prise de conscience du bien et du mal des réseaux sociaux.

Mots-clés : Culture numérique, panoptique, perspectivisme.

Introdução

É a Gênese do Real, mas sua própria gênese não poderia ser narrada. Pode ser descrita como re-começo, mas nunca apreendida em seus balbuciantos. Não é a frutificação de um pré-saber. A arqueologia da ciência é um empreendimento que tem sentido, enquanto a pré-história da ciência é um absurdo. (Bourdieu, 1999, p. 102)

É interessante que arqueologia e genealogia são palavras que se confundem, enquanto na arqueologia se desdobra o imaginário de escavação de artefatos originários, na genealogia se entende a busca pela origem de conceitos e dispositivos. De fato, Michel Foucault, considerado estruturalista em sua *As palavras e as coisas*, embora o negasse por se considerar um historiador dos sistemas de pensamento, no qual desenvolveu basicamente uma estudo de perspectivas do que faz uma pessoa escolher um determinado posicionamento argumentativo. Em *A Arqueologia do saber* (publicado no ano

1969 como resposta às críticas que recebeu após a recepção de *As palavras e as coisas*), Foucault propõe um estudo metodológico, sistemático e investigativo sobre a teoria do conhecimento para embasar a relação de descontinuidade na epistemologia histórica dentro das ciências humanas de modo a entender como os saberes se enfrentam entre si.

O conceito de arqueologia não deve ser analisado como metodologias arqueológicas, mas como a própria *arché* do saber. Enquanto os arqueólogos realizam escavação de fósseis em busca de conhecimento e fatos históricos, no livro *A arqueologia do saber* a intenção de Foucault é escavar o mais profundo dos saberes para analisar as diversas trajetórias de conhecimento em relação ao poder. Neste sentido, a análise dos estudos e fatos históricos visa principalmente as subjetividades que ficaram no anonimato, ou seja, que ficaram soterradas de alguma maneira, mas que tiveram relevâncias para tantos outros conhecimentos e saberes. Logo, Foucault queria reconstruir o saber historicamente, sua preocupação era estudar o conhecimento esquecido, visto que algumas modalidades de saber são enterradas enquanto outras se sobrepõem como narrativas discursivas vitoriosas.

Os discursos são formados por conjunturas históricas dos saberes e das verdades da ciência, não desenvolvendo conhecimentos frágeis cuja preocupação não é o princípio do saber e nem tampouco como vão terminar esses saberes. É em pensar nos discursos, na formação da história das ideias dos saberes epistemológicos que a vigilância enquanto dispositivo faz funcionar estratégias de poder e controle. Por sua vez, uma possível arqueologia da cultura digital tem se mostrado promissora na educação tecnológica, ou mesmo numa literacia digital, posta como ferramenta de socialização do conhecimento. Na medida em que a sociedade está em constantes transformações sociais, culturais, éticas, valores morais e educacionais, principalmente na comunicação social demonstram que as culturas digitais estão cada vez mais envoltas em discursividades tensionais. Isto se constata na relação entre as verdades factuais e a sobreposição das mesmas por questões interpretativas das *fakenews* e de como elas levam as pessoas recair um relativismo cultural e político assustador.

A educação necessita acompanhar essas mudanças utilizando essas ferramentas digitais para o desenvolvimento crítico dos alunos. Por um lado, rechaçar o uso do celular como um dispositivo antipedagógico tem como pano de fundo uma pedagogia tradicional, por outro lado, a era digital tem inovado e avançado na educação profissionalizante, cursos técnicos, em novos mercados de trabalhos cada vez mais alicerçados nas chamadas metodologias ativas. Embora a *cultura digital* possa ser vista como horizonte de uma área crítica que potencialmente pode agregar profissionais da comunicação social nas escolas, ainda assim, a própria técnica das ciências da informação continua entendendo que sua autoridade a respeito das inovações desenfreadas das inteligências artificiais sejam liberadas sem um aparato crítico.

Esse avanço tecnológico preocupante, da informação algorítmica que dissimula formas de raciocínio, mas na verdade é puro cálculo de ideias, vem paradoxalmente sendo enfrentando com a problemática da desigualdade de acesso a internet. Ao mesmo tempo que quem não posta não aparece, portanto, não existe, há ao mesmo tempo uma transposição entre o aparato celular e o caderno nas salas de aula que esconde cada vez mais o saber na aprendido pelos jovens. Logo, às vezes os estudantes até tem um celular e interagem em redes sociais, mas paradoxalmente não sabem escrever bem porque estão impregnados de um vocabulário repleto de abreviações que se traduz em uma falta de leitura.

O fato é que ainda muitas escolas não possuem e provavelmente não possuirão uma disciplina de cultura digital para todos os alunos, até porque essa também é uma questão controversa dos componentes curriculares e transversais do Novo Ensino Médio. Nesse compasso, a tecnologia em pleno século XXI avança a passos lentos pela dificuldade da socialização da educação digital nas pequenas cidades do interior do Brasil com cursos de ensino médio que dificilmente têm um caráter verdadeiramente técnico e profissionalizante.

Genealogia da vigilância

Uma das idéias essenciais de Vigiar e Punir é que as sociedades modernas podem ser definidas como sociedades "disciplinares", mas a disciplina não pode ser identificada com uma instituição nem com um aparelho, exatamente porque ela é um tipo de poder, uma tecnologia, que atravessa todas as espécies de aparelhos e de instituições para reuni-los, prolongá-los, fazê-los convergir, fazer com que se apliquem de um novo modo (Deleuze, 2005, p. 35)

Michel Foucault teve a sua obra reconhecida por três fases, a arqueologia do saber, a genealogia do poder e o cuidado de si. *Vigiar e Punir* é uma obra que se coloca no espaço entre a estruturação da genealogia e a arqueologia sob o eixo do poder. Logo, na medida em que a arqueologia se mostra como uma epistemologia histórica das ideias, a genealogia se coloca como investigação dos fatos desconsiderados. É aí que *Vigiar e Punir*, segundo Deleuze, é um livro não mais de formações políticas discursivas, mas sim de meios não-discursivos enquanto práticas e processos, ou seja, justamente quando o enunciado extravasa o campo linguístico e se torna gestos, olhares, expressões corporais traduzidas em controle.

O que A Arqueologia reconhecia, mas ainda designava apenas negativamente como meios não discursivos, encontra em *Vigiar e Punir* sua forma positiva, que obcecava Foucault em todas as suas obras: a forma do visível, em contraste com a forma do enunciável. (Deleuze, 2005, p. 42)

Um aspecto genealógico no âmbito da vigilância é de uma influência bachelardiana sobre o Foucault que também perpassa por Bourdieu em seu livro *A profissão do sociólogo*, o que julga-se como uma prerrogativa interpretativa para embasar a construção epistemológica do conceito de vigilância.

Gaston Bachelard ficou conhecido por sua abordagem crítica à epistemologia e à filosofia da ciência. Ele introduziu o conceito de "vigilância epistemológica" como parte de sua perspectiva sobre a evolução do conhecimento científico. Para Bachelard, a vigilância epistemológica envolve uma constante atenção crítica aos obstáculos e preconceitos que podem impedir o progresso científico. Ele enfatizou a necessidade de romper com ideias pré-concebidas e noções arraigadas que podem limitar a expansão do conhecimento. Bachelard ainda argumentou que os cientistas devem ser vigilantes em relação aos "obstáculos epistemológicos", que são barreiras

mentais que podem prejudicar a capacidade de compreender e investigar um fenômeno.

Bachelard acreditava que a vigilância epistemológica era essencial para o avanço do pensamento científico, incentivando os cientistas a questionar e desafiar suas próprias suposições, além de reexaminar os fundamentos de suas teorias e abordagens.

Já Pierre Bourdieu abordou a questão da vigilância epistemológica num contexto sociológico diferente, seu trabalho se concentrou na análise crítica das estruturas sociais e das formas de conhecimento que perpetuam as desigualdades. Para Bourdieu, a vigilância epistemológica envolve uma análise cuidadosa das estruturas de poder que moldam a produção e a distribuição do conhecimento. Ele explorou como as instituições, as hierarquias sociais e as relações de classe influenciam o que é considerado válido e legítimo no campo do conhecimento.

Bourdieu argumentou que a vigilância epistemológica é necessária para desvelar os mecanismos de reprodução social presentes no campo intelectual. Ele examinou como as estruturas de poder podem influenciar as escolhas teóricas, as metodologias de pesquisa e as próprias definições de problemas a serem investigados.

Bourdieu enfatizou que Bachelard distinguiu a epistemologia das metodologias abstratas em descobrir a lógica do erro na descoberta da verdade enquanto polêmica, não existem fatos dados, mas sim construções, narrativas.

Semelhante tarefa, propriamente epistemológica, consiste em descobrir no decorrer da própria atividade científica, incessantemente confrontada com o erro, as condições nas quais é possível tirar o verdadeiro do falso, passando de um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento mais verdadeiro, ou melhor, como afirma Bachelard, "próximo, isto é, retificado". (Bourdieu, 1999, p. 17)

Dito isso, Bourdieu atesta uma recusa ao empirismo e convencionalismo como embates entre a constatação e a construção das rupturas necessárias à emergência de novos conhecimentos. Ir do racional ao real e não da realidade

ao geral, como fizeram boa parte dos dedutivistas, é não simplificar a ciência e nem tampouco aceitar aos sistemas filosóficos como uma espécie de pureza abstrata. Nessa mesma linha, Bachelard critica aos filósofos que vivem toda sua vida sob um mesmo ponto de vista metafísico, em contraposição aos cientistas que mudam suas ontologias de acordo com o que suas teorias pressupõem.

A vigilância epistemológica se põe assim como instrumento para evitar preconceitos e pré-noções de opiniões e mesmo de *fake news*. Bourdieu pontua que a vigilância, entretanto, não consegue acabar com as tendências etnocêntricas da própria racionalidade. Pois as cidadelas eruditas, acadêmicas e científicas valorizam os valores por elas mesmos criados, e não conseguem romper com as tradições. Por isso, é preciso colocar a vigilância epistemológica sobre o ponto de vista de três graus:

- Vigilância do espírito empirista
- Vigilância metódica
- Vigilância epistemológica

Esses graus decorrem do texto de Bachelard, *O racionalismo aplicado*, nele, os graus da vigilância transcendem o empirismo das observações experimentais, ou da própria metodologia unívoca, para um racionalismo aplicado e um materialismo indutivo de uma vigilância da própria vigilância enquanto consciência de sua forma e das informações. Vigiar o próprio método é a atitude epistêmica, o superego da ciência julga a si mesmo, vigia a si mesmo perante a cultura.

Voltando a Foucault, podemos colocar então que a sua passagem para a genealogia da vigilância se dá de certa forma na medida que o perspectivismo nietzscheano deixa de ser de múltiplas perspectivas um olhar para dentro, e passa agora a se desdobrar em múltiplas perspectivas de um olhar para fora. Nesse sentido, a prisão é justamente um meio figurado pelo panoptismo, em que o prisioneiro vigiado se torna o reproduzidor do conteúdo da punição, por meio de um código penal vago, mas baseado em relações socioemocionais da lei do mais forte, isso se transpõe numa metáfora que atualmente praticamente todos estão também presos nesse aparato das redes sociais.

Arqueologia das Redes Sociais

Para Foucault, a vigilância é:

[...] rede de relações de alto a baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede ‘sustenta’ o conjunto e o perpassa de efeitos de poder que se apoiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados. (FOUCAULT, 1987, p. 158).

A pesquisadora Juliana Prado (2015) define que das redes às mídias digitais há um conjunto de objetos tecnológicos que mediam as relações sociais por meio da conectividade, iniciada “a partir do final dos anos de 1960, com processamento de informações através da computação e se espalhou para além das aplicações militares, adentrando às universidades e corporações comerciais” (Prado, 2015, p.28).

Raquel Recuero (2009) em seu livro sobre redes sociais, elenca algumas mudanças que a internet trouxe para a sociedade e destaca algumas dessas mudanças como fundamentais, com por exemplo a “possibilidade de expressão e sociabilização através de ferramentas de comunicação mediadas pelo computador (CMC)” (Recuero, 2009, p. 23). Essas ferramentas trouxeram a possibilidade de comunicação e interação entre os participantes e para as empresas de tecnologia a possibilidade de mapear suas atividades na online, identificar padrões de comportamento online e visualização de suas redes sociais, que deu início na década de 90 aos estudos dessas interações através desses “rastros” deixados na internet.

Para Recuero, as redes sociais podem ser definidas como “um conjunto de dois elementos: os atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (Recuero, 2009, p. 23).

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (Recuero, 2009, p. 23).

Os sites de redes sociais na internet não são algo novo, mas sim um desdobramento das ferramentas de comunicação mediadas por computadores, ou mais recentemente, celulares, a partir dos atores sociais. São um grupo de softwares sociais, com o objetivo de promover a comunicação por meio dos computadores. Trazem como diferença no desenvolvimento desses software a permissão da visibilidade, a articulação nas redes e a manutenção das relações sociais estabelecidas ou não nos espaços fora das redes.

Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes (Recuero, 2009, p. 103).

Um mesmo ator social pode utilizar diversos sites de redes sociais com diferentes objetivos e essas podem estar interligadas entre si e inclusive pertencer a mesma empresa ou conglomerado de tecnologia, como é o caso do Facebook, Instagram e WhatsApp que pertencem a big tech Meta. Vale ressaltar que a apropriação e o uso também podem variar de acordo com o grupo que utiliza a rede, mudando inclusive o tipo de conteúdo que compartilha e consome, ou seja, “a apropriação de diferentes ferramentas de comunicação mediada pelo computador, a partir de suas limitações e forças, poderia servir a diferentes propósitos para um mesmo ator” (Recuero, 2009, p. 104).

Considerações finais

"a regulação de um meio no qual não se trata tanto de fixar os limites, as fronteiras, no qual não se trata tanto de determinar as posições, mas sobretudo, essencialmente, de permitir, de garantir, de assegurar as circulações: circulação de pessoas, circulação de mercadorias." Foucault - Segurança, Território e População - Curso no Collège de France, 1977-1978

É possível concluir então que para além da genealogia e arqueologia da vigilância em Foucault, fala-se de um panóptico no qual as redes sociais vão se tornando um espectro que ronda nossa visão de si e do mundo. A cultura digital no processo de ensino aprendizagem, se insere nesse contexto de visualizações e curtidas, mas além disso, quer dizer também narrativas e tendências que podem ser utilizadas em sala de aula como referências, ou seja, é possível apontar para uma análise dos influencers e suas tendências performáticas e ideológicas. Tal instrumento acaba por ser uma inserção da contextualização entre conteúdo e atualidade, enquanto não houver essa visão crítica das redes sociais e a vigilância, estas serão simplesmente reprodutora de processos algorítmicos das inteligências artificiais. Faz-se necessário criar uma educação que pense melhor e mais criticamente do que é produzido e reproduzido por máquinas que levem até a *fake news*. Por mais que a vigilância biopolítica seja aprisionadora, uma vigilância epistemológica pode ser paradoxalmente libertadora, desde que utilize-se do crivo epistemológico de julgar os processos do fazer e saber conhecimento tanto quando da opinião.

Referências

Bachelard, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**, trad. Esteta dos santos Abreu, Contraponto, Rio de Janeiro, 1996.

Bachelard, G. **O racionalismo aplicado**, trad. de Nathanael C. Caixeiro, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1977.

BOURDIEU, P.; Chamboredon, J.; Passeron, J. **A Profissão do Sociólogo - Preliminares Epistemológicos**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Deleuze, G. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant' Anna Martins; revisão da tradução de Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Foucault, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

Foucault, M. **Arqueologia do Saber**. Trad. de Felipe B. Neves. 7 Ed. Rio De Janeiro: Forense Universitária, . 2004

Prado, Juliana do. **Dos consultórios sentimentais à rede: apoio emocional pelas mídias digitais.** São Carlos: UFSCar, 2015.

Recuero, Raquel da Cunha. **Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog. com. 2006.** Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8614> Acesso em 17 de setembro de 2020.